

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Artes
Departamento de Arte Dramática

A Tarefa de Adaptar o Texto Teatral na Escola

Trabalho de Conclusão de Curso
de Tailôr Mattje Mendonça
Orientadora: Prof.^a Camila Bauer

Porto Alegre
Janeiro de 2013

Resumo: Ao realizar uma peça teatral em uma aula de teatro constantemente é preciso fazer adaptações. Em sua maioria, as peças foram estruturadas para serem apresentadas em teatros, por companhias de atores. Ao utilizar um texto dramático em uma escola, seja específica de teatro ou não, o professor precisa tornar essa peça adequada para a apresentação. Este trabalho tem como finalidade observar as adaptações de peças teatrais feitas em escolas com o objetivo de apresentação. Descobrir quais os critérios, as motivações e as dificuldades dos docentes enquanto adaptadores de texto. Também verificaremos se eles se consideram com base suficiente para a tarefa de adaptação do texto. Para tal, foi feito um questionário para os professores de cursos de teatro e escolas de ensino fundamental que lecionam teatro como disciplina. A partir das respostas recebidas, foi feita uma análise sobre como os professores se portam diante dessa tarefa.

Palavras-chave: adaptação, texto teatral, professor, aula de teatro, teatro informal

Sumário

Introdução	3
Metodologia	5
A Necessidade de Adaptação.....	6
Processo: do texto à cena	10
As Necessidades dos Alunos	13
Dificuldades Encontradas	15
Embasamento dos Professores	16
Considerações Finais	18
Referenciais Teóricos	20
Anexo: Respostas dos Professores.....	21
Professora A	21
Professora B	24
Professora C	26
Professor D.....	29
Professor E	31

Introdução

A maioria das peças de teatro, principalmente as escritas em outros tempos, apresentam dificuldades ao serem encenadas atualmente. Durante um longo período esses textos foram escritos em cinco atos, muitas vezes durando três horas ou mais, além dos intervalos e entreatos. Na atualidade, as apresentações que passem de uma hora e meia são consideradas demasiado longas e é possível que façam o público se inquietar. Existe também a questão da época: a sociedade mudou desde o tempo em que a peça foi escrita, e o que antes era uma obra cheia de significado é provável que não seja compreensível, uma vez que os costumes mudaram. Como diz David Ball:

Os dramaturgos – mesmo os maiores – não escrevem para a eternidade. Escrevem para públicos específicos, de seu tempo específico. (...) A reação do público ao mundo da peça não costuma ser a mesma, através dos tempos. Descubra que mudança ocorreu e ajuste-se a ela, ou você pode perder completamente a peça. (BALL, 2009, p. 123-125)

Além disso, existem outros fatores mais específicos: elenco, materiais disponíveis, etc. que influenciam na montagem teatral. Assim sendo, atualmente a maioria dos encenadores se vê na árdua tarefa de adaptar a cena para o público ou o espaço disponível ou por outras necessidades. Se as dificuldades já são grandes para os encenadores profissionais, nas escolas elas aumentam e se multiplicam. O tempo precisa ser mais curto, os recursos são menores, é recomendável que algumas cenas sejam cortadas ou adaptadas pelo seu conteúdo, ou modificar as falas para se aproximar da realidade do aluno, etc.

Na maioria das aulas de teatro informal, ou seja, quando o objetivo principal não é a formação de atores profissionais, seja em oficinas de teatro ou em escolas de ensino básico, há o intuito de trabalhar uma peça com a finalidade de apresentação. Entretanto, encontrar uma peça que cubra as necessidades da turma e atraia o interesse dos alunos é uma tarefa árdua. Cabe, então, ao professor encontrar uma

maneira de adaptar alguma peça escolhida, por ele ou pela turma, para torná-la mais adequada para os limites da encenação.

Nos próximos capítulos, veremos como são feitas essas adaptações, quais foram os critérios e as motivações dos professores, qual o embasamento que eles utilizaram em suas decisões. Analisaremos também como costuma ser o processo de adaptação e quais as dificuldades encontradas. Para isso foi solicitado a vinte e seis professores que respondessem um questionário. Apenas cinco destes responderam, e com base em suas respostas foi desenvolvido este trabalho. Também é usada como base a minha própria experiência como bolsista no Colégio de Aplicação da UFRGS ao longo do ano de 2012, onde presenciei vários casos de encenação e adaptação de textos, mesmo que não exercesse a função de professor.

Metodologia

Foi elaborado um questionário a ser respondido por professores de teatro informal com o fim de compreender os métodos para a adaptação do texto teatral, tanto em escolas exclusivas de teatro quanto em escolas de ensino básico, onde as aulas de teatro fazem parte do currículo. Todos os entrevistados são formados em Artes Cênicas e trabalham como professores de teatro, com idades variando entre 30 e 50 anos.

- **Perguntas do questionário**

1 – Há quantos anos você leciona teatro?

2 – Qual a sua formação?

3 – Com qual frequência você trabalha com adaptação de textos teatrais?

4 – Quais as principais motivações para adaptar os textos?

5 – Quais os critérios que você usa para adaptar?

6 – Geralmente, qual o processo que você utiliza para adaptar?

7 – Você pesquisa sobre o a peça e/ou o autor?

8 – Na sua opinião, quais são os fatores mais importantes a se considerar quando se adapta um texto teatral?

9 – Qual você acha que é sua melhor base para adaptação de textos? Sua formação, sua experiência, referências teóricas?

10 – Quais as maiores dificuldades que você encontrou nas adaptações de textos? Como você as resolve?

Este questionário foi enviado por e-mail a vinte e seis docentes, porém apenas os que me conheciam pessoalmente responderam.

A questão da adaptação de cena me interessou após ler o livro *Para trás e para frente*, de David Ball, onde ele enfatiza a importância de compreender o texto antes mesmo de planejar encená-lo. “O artista de teatro que apreende pouco do texto, coloca pouco no palco” (BALL, David. 2009). Percebi que na própria faculdade se dá pouca importância à análise do texto, não passando, na maioria das vezes, de uma visão superficial da peça. No início, a ideia do meu trabalho era focada nas encenações dos alunos da faculdade, com a intenção de questioná-los se eles se consideram com base para essa tarefa. Posteriormente optei por modificá-la e entrevistar professores de teatro, com o intuito de focar mais na licenciatura.

A Necessidade de Adaptação

A tarefa de adaptação de peças teatrais com o fim de apresentação é constantemente necessária. Os entrevistados confirmaram que trabalham com adaptação de textos teatrais no mínimo uma vez por ano, a maioria nos trabalhos de fim de ano, onde encenam uma peça para mostrar o desenvolvimento dos alunos.

Quando questionados sobre as motivações para a adaptação, o mais recorrente é a questão da compreensão do texto por parte dos alunos. Outros aspectos são: a extensão da peça, se é preciso cortar ou acrescentar cenas; o número de personagens, em relação ao número de alunos; os recursos disponíveis, que geralmente são reduzidos, principalmente em escolas de ensino básico; e as questões da cultura estrangeira ou dos costumes de outras épocas, que podem causar estranhamento nos alunos.

A questão do tempo da peça é imprescindível na hora de montar um espetáculo. Quando se trabalha profissionalmente com teatro, pode-se dispor de tempo suficiente para apresentar a peça inteira, no máximo omitindo ou abreviando algumas cenas. Entretanto, em uma peça de escola a apresentação deve ser breve, fazendo com que se resuma ainda mais a peça. Algumas das soluções encontradas pelos docentes são a livre adaptação e a seleção das melhores cenas. No primeiro caso foca-se em apenas um dos temas da peça, podendo omitir várias cenas e até mesmo mudar o final, também sendo usada para a modernização da peça. No segundo caso, o foco deixa de estar no desenvolvimento dramático e passa a estar na desenvoltura artística dos alunos. A apresentação pode mostrar cenas do início, meio e final da peça, mas não possuem a necessidade de estarem ligadas para formar uma história. Essa tática pode ser utilizada quando há mais alunos que personagens, pois a cada cena pode-se trocar os atores de cada personagem, dando oportunidade a todos os alunos de mostrar seu trabalho.

Se a questão do tempo influencia para a diminuição da peça, existe outro fator que a faz aumentar: quando se leciona teatro em escolas de ensino básico, as turmas costumam ter em torno de quinze a trinta alunos, e é necessário trabalhar o fazer

teatral de cada um. Porém, as peças disponíveis nas escolas raramente portam personagens suficientes, e alguns docentes acrescentam cenas na peça escolhida, a fim de dar espaço a todos. Nos exemplos que presenciei, o professor analisava o texto para encontrar eventos não mostrados ou personagens que de pouco destaque que pudessem ser desenvolvidos, além de outros que pudessem ser inventados. Esse método não deixa de ser uma livre-adaptação, e trabalha a criação por parte dos alunos.

Nas respostas dos entrevistados houve um grande foco na questão da compreensão do texto pelos alunos. Segundo eles, além de cenas muito complexas, onde há acontecimentos que não são narrados ou lineares, uma das mais importantes motivações para adaptar é aproximar o texto da realidade dos alunos. Entre as razões citadas, foram destacadas as questões das outras culturas, tanto as de outros países quanto as de outros tempos. Os costumes diferenciados tendem a causar estranhamento, e preocupação de entendimento por parte do público. Assim, os professores muitas vezes adaptam a peça para que tenham mais proximidade com a turma. Essas modificações podem acontecer mudando o ambiente da peça, tanto trazendo para os dias atuais, por exemplo, ou inserindo *personas*¹ que sejam do repertório dos alunos, como “o bêbado”, um personagem cômico facilmente reconhecido pelo público, que presenciei em mais de uma encenação das turmas de colégio.

Ao se adaptar um texto, pode-se modificar, resumir, cortar, mas também é muito importante ter em mente o que é necessário manter. Durante os ensaios e construções de cenas é preciso dar atenção a questões importantes, se não essenciais, para o fazer teatral dos alunos. Os fatores destacados pelos docentes questionados foram: a fidelidade à trama principal da peça, clareza e objetividade da encenação, e liberdade para criação dos alunos. Ter em mente esses fatores faz com que não se perca o foco, tanto da cena quanto da aula.

¹ *Persona* é um termo de teatro, palavra italiana derivada do latim, que significa o papel social vivido pelo ator.

Essas necessidades de adaptação do texto teatral são constantemente encontradas pelos professores e exigem atenção e bom discernimento. Entretanto, não vejo na minha faculdade a preocupação de ensinar os futuros docentes e atores a realmente compreenderem os textos dramáticos. Sem esse aprendizado, os professores podem cometer erros básicos ao adaptar as peças, por uma análise superficial do texto, ou fazer adaptações desnecessárias.

Processo: do texto à cena

O processo de realização do espetáculo varia para cada docente. Nesse capítulo foram reunidos os passos destacados pelos professores em suas respostas.

1. Escolha da peça

A escolha da peça pode ocorrer de várias formas, com ou sem a participação dos alunos. Alguns docentes preferem discutir com sua turma sobre os temas que lhes interessam ou pretendam discutir, para então lhes mostrar as obras disponíveis para seleção. Outros professores preferem discutir já com os textos em mãos, geralmente com uma intenção anterior de montagem, e até mesmo fazer a leitura dos textos, se forem curtos. Há também os que trazem um texto de sugestão que ele ache que interesse aos alunos, após observar o comportamento da turma em aula. Estes dois últimos métodos geralmente são tendenciosos, e o professor deve tomar cuidado para não colocar seus desejos de encenador acima do interesse dos alunos.

2. Pesquisa

Antes mesmo de trabalhar a peça escolhida com os alunos, o professor pesquisa sobre a mesma, para ter uma base para a análise e a encenação. Embora alguns encenadores discordem que seja realmente necessário que eles pesquisem sobre a peça a ser encenada, os professores questionados afirmam que ela é essencial em sala de aula. Os entrevistados ressaltam: “É fundamental uma pesquisa prévia sobre o autor e a obra para entender o contexto e o que o autor quer dizer com o texto.” (D.) e “A pesquisa por parte do professor/diretor é determinante. Não basta somente o entendimento textual da obra, mas perceber todo o processo que cercou a criação literária, a partir dos aspectos contextuais relacionados ao autor.” (E.). Os docentes se aprimoram dessa pesquisa para que possam ter mais embasamento ao trabalhar com os alunos, afinal, o professor deve ter domínio de seu conteúdo, para melhor aproveitamento em aula.

Nessa pesquisa, o docente procura sobre o autor da obra, o contexto em que ela foi escrita, como foram as primeiras montagens e tudo que for possível sobre a peça em si; também procura imagens e vídeos que se relacionem com o tema trabalhado, para serem usados como referências. Por exemplo, se um professor trabalhasse com o texto *Aurora da minha vida*, de Naum Alves de Souza, um dos temas tratados seria a opressão na escola; assim, o docente poderia procurar trechos de filmes e até mesmo videoclipes que se dialoguem com isso, como o clipe *The Wall*, da banda britânica Pink Floyd, bastante conhecido pelos jovens.

3. Leitura do texto

O professor traz a peça escolhida para a aula e proporciona aos alunos o primeiro contato com texto. A maioria dos entrevistados afirmou que propõe uma leitura geral, seguida de uma leitura dramática. Nessa leitura, a turma destaca a ideia principal, identifica a trama e o desenvolvimento dramático, e algumas vezes já predefine alguns elementos, como a distribuição de alguns personagens. Em alguns casos, após esse primeiro contato, a turma pode decorrer da decisão do texto.

4. Análise e discussão da peça

Após a leitura, segundo os questionados, há a discussão sobre o desenvolvimento dramático da peça. O professor propõe que os alunos dividam a peça em situações, para melhor análise de cada cena. Se necessário, a turma lê novamente.

Com a peça devidamente esquematizada, o professor e os alunos discutem quais as situações que são imprescindíveis para o desenvolvimento da peça e o que pode ser adaptado para desenvolver, resumir, descartar ou transformar, tanto situações quanto personagens. Também discutem quais cenas são interessantes de serem mantidas, mesmo as que não são indispensáveis. Nesse processo o professor incentiva a análise por parte dos alunos, mas também pode participar se achar necessário.

5. Improvisação e roteirização

Finalmente, os alunos interpretam as cenas da peça. Alguns dos entrevistados afirmaram propor improvisações com os alunos, ao invés de trabalhar com o texto na íntegra. Com a ideia básica dos acontecimentos da cena, os alunos improvisam. “A ideia é discutir a estrutura, as ações dramáticas e tentar criar um novo roteiro mais objetivo que possibilite jogar e improvisar com novos textos, recriando a obra.” (A.). Isso facilita, principalmente, pois o aluno não precisa decorar todo o texto trabalhado, mas cria sua própria linha de desenvolvimento. Segundo, desenvolve a criatividade do grupo, pois lhes dá liberdade para jogar dentro de uma história fechada.

A partir das improvisações, cria-se um roteiro de ações, para que os alunos tenham uma referência de marcações nos ensaios. Uma dificuldade ressaltada nessa fase é que, apesar dos alunos demonstrarem ideias que beneficiam a encenação, muitas delas são esquecidas nos ensaios seguintes. Assim, uma solução encontrada pelos docentes é designar um aluno para anotar as marcações e outro para anotar as falas, criando-se o roteiro básico, um *canovaccio*², que servirá de alicerce para a encenação dos alunos. Neste caso não é só cortar, mas escrever um novo texto, trabalhando também a ideia básica de escrita teatral. Pela minha experiência, essa abordagem costuma gerar resultados bastante satisfatórios, pois os alunos aprendem mais aprofundadamente a relevância de cada ação na peça, e também conseguem memorizar melhor as cenas, além de esboçarem um aprendizado sobre a escrita dramática.

² *Canovaccio*, ou “Canevas”, é um termo italiano que designa uma estrutura teatral simples, proveniente do século XV, onde se descreviam as situações e se esboçavam as falas, para que os atores desenvolvessem a cena. Era bastante usada em companhias de ambulantes de *Commedia dell'arte*.

As Necessidades dos Alunos

O teatro é, indiscutivelmente, uma maneira de se expressar. Quando se faz teatro, sempre é para expressar algo, dizer algo. Os entrevistados ressaltaram que o interesse e as motivações dos alunos são essenciais nas aulas de teatro, e cabe ao professor perceber como utilizar isso em benefício do seu aprendizado. “A motivação, num primeiro momento, vem muito mais do grupo de alunos. É um processo de observação, por parte do professor.” (E.) O docente deve perceber quais as questões pertinentes para os alunos, sobre o que eles querem falar, o que eles pensam. Para isso é preciso que ele aprenda a escutar seus alunos.

A escuta é uma das habilidades que o professor deve desenvolver no exercício de sua profissão. Associada a outras ações, percepções e compreensões, ela é o ponto-chave para o relacionamento com a turma de alunos e para o desenvolvimento de uma aula. (ARAUJO apud BERTONI, 2012: 87-88).

Para escolher um tema, o professor precisa perceber a necessidade do grupo, sobre o que eles querem falar e o que os motiva para participar de uma peça de teatro. Assim, o professor pode fazer com que a turma se aprimore a partir dessa motivação e a utilize como incentivo à aula. Muitas vezes, ao determinar o tema, escolhe-se uma peça que possa tratar do assunto escolhido pela turma, mesmo que não seja esse o foco exato do texto em si. Por exemplo, eu presenciei uma adaptação de *Romeu & Julieta*, de Shakespeare, para falar sobre racismo, onde a Julieta era branca e o Romeu era negro, e suas famílias os proibiam de namorar. O tema foi escolhido pelos alunos, que optaram por encenar a peça mantendo a fábula para tratar de um assunto atual.

Outra questão ressaltada pelos questionados é a atualização da linguagem e do contexto. “Adaptar está imensamente ligado com entender, compreender aquilo que está escrito.” (E.). Segundo eles, a linguagem e o contexto da peça são, muitas vezes, obstáculos para o entendimento da obra por parte dos alunos. Assim, é necessário que se adapte o texto, trazendo para um plano mais próximo ao entendimento dos alunos. Embora seja uma questão importante, deve-se tomar cuidado, pois o professor corre o risco de dispensar a qualidade do texto em nome da facilidade do

trabalho, quando se poderia desfrutar de um trabalho tão eficiente e esteticamente mais bonito.

Porém, talvez a mais importante questão ressaltada pelos docentes seja a liberdade para criação. Quando se trabalha com a adaptação de um texto teatral, cria-se a oportunidade para os alunos recriarem a peça. Esse é um trunfo que muitos docentes usam para que os alunos se apropriem da peça e possam reconhecer seus nuances mais profundamente.

O texto dramático oferece uma estrutura em que os alunos podem brincar e jogar. Sabe aquela coisa de que a regra dá liberdade? - Possibilita o reconhecimento e estudo de personagem, do conflito e de propostas diferenciadas de abordagens cênicas, que vão, muitas vezes, além das referências cotidianas do fazer teatral dos alunos (A.)

Eu observei que, ao terem liberdade de criação dentro do texto teatral, os alunos não apenas demonstram um melhor desenvolvimento, como também uma maior desinibição e confiança no palco, por estarem trabalhando algo que, de certa forma, eles mesmos criaram. Ao contrário da minha experiência no colégio, onde eu e meus colegas tínhamos que decorar falas que às vezes não compreendíamos totalmente, o que tornava mais difícil a criação das cenas.

Dificuldades Encontradas

Durante todo esse processo, desde a escolha do tema à cena ensaiada, os docentes encontram inúmeras dificuldades. Dentre as que foram destacadas nas respostas dos questionados, a mais recorrente é a tarefa de conciliar os desejos dos estudantes com as demandas do texto e convenções teatrais.

Como encaminhar isso para que o aluno de fato se aproprie do material sugerido e também seja criador de seu processo? Como construir caminhos para que o aluno crie suas ações? Como construir espaços que o aluno imagine possibilidades de movimentação cênica além das referências cotidianas? (A.)

O professor de teatro tem a tarefa de desenvolver o fazer teatral dos seus alunos e, ao mesmo tempo, acolher suas necessidades. Existem, porém, os interesses que não podem ser satisfeitos. Dependendo da faixa etária dos estudantes, eles manifestam interesses que são difíceis de serem trabalhados adequadamente. Entre as questões delicadas foram citadas as cenas de teor erótico e violento, que constantemente despertam a atenção, principalmente nos jovens. Eu, pessoalmente, acho que se deve pensar na possível reação negativa por parte do público, principalmente pais de alunos, mas não proibir completamente esses temas, por serem pertinentes, mas é preciso que se trabalhe com cuidado para que essas cenas fortes não sejam gratuitas.

Outra dificuldade, mais básica, é a questão do estranhamento com o texto teatral. A maioria dos alunos, principalmente em escolas de ensino básico, não costumam ler textos dramáticos. Assim, ao ter o primeiro contato com a peça de teatro, geralmente há certa dificuldade no entendimento e até mesmo a repulsa por parte do aluno.

Outra constatação que evidencio na experiência docente é que a familiaridade com o cinema, com a TV, e também com a cultura digital, promove nos estudantes questionamentos quanto a ausência de indicações mais detalhadas sobre marcação cênica, caracterização de personagem ou indicações cenográficas, quase como se esperassem do texto teatral o mesmo que se busca em um roteiro de cinema. (B.)

Durante os ensaios há também a formalização a partir das improvisações. Segundo os docentes, os alunos costumam demonstrar ideias interessantes quando

improvisando, mas perde-se muito nos ensaios. “O problema inicia no momento em que é preciso repetir e formalizar melhor cada momento. Quando da retomada dos melhores momentos muita coisa se perde.” (A.). Uma maneira de superar esses obstáculos que foram citados pelos professores é fazer um roteiro de ações, baseado nos improvisos de cena, como dito em um dos capítulos anteriores. Outra dificuldade nessa fase é a resolução de cena. O professor, costumeiramente, incentiva a turma a descobrir soluções cênicas, mas algumas vezes é necessário que o professor intervenha, por ter mais referências teatrais que os alunos.

Por vezes considero interessante indicar alguns caminhos de construção cênica para que os alunos possam se sentir seguros para suas experimentações. (...) Esse é um momento delicado em que o professor se transita entre as funções de professor e diretor de cena. (A.)

O professor deve buscar esse equilíbrio entre docente e encenador. Como disse Ryngaert (1985), deve encontrar uma maneira de intervir sem que se imponham soluções que sabotem a liberdade de invenção dos alunos. Essa alternância dos papéis do docente é algo que se aprende apenas com experiência.

Embasamento dos Professores

Entre as perguntas do questionário, havia a questão sobre a base em que os professores se apoiavam. Como os docentes conseguem lidar com as eventuais dificuldades e empecilhos? Qual a maior ferramenta usada pelos docentes: sua formação acadêmica, sua experiência em sala ou referenciais teóricos? Foi quase unânime a resposta que tudo isso constitui o fazer de um professor. Como disse uma das entrevistadas: “Os profissionais são constituídos de sua formação, suas experiências e seus referenciais teóricos, na verdade as três coisas são muito importantes, acredito.” (B.)

Entretanto, os docentes destacaram a experiência como o principal atributo usado. Um dos argumentos é que ela abrange os outros dois aspectos. O conhecimento adquirido na formação torna-se experiência. Os livros lidos, ao serem utilizados na prática, tornam-se experiência. Larossa (2002) diz que a experiência é o que nos passa, o que nos acontece e o que nos toca. Os questionados também dizem

que “A experiência possibilita ver de fato o que funciona ou não diante do grupo de atores ou do público, a experiência te coloca diante dos problemas de cena e da busca das resoluções de forma prática e direta.” (A.). Essas respostas entraram em acordo com o que eu acreditava então: o que forma um professor não é sua formação ou os livros lidos, mas sim a experiência em sala de aula.

Considerações Finais

A adaptação de texto na escola é uma tarefa difícil, e é constantemente necessária. Cada caso apresenta aspectos e dificuldades singulares, e exige uma atenção individual. Não existe uma fórmula para isso, da mesma forma que não existe uma para fazer teatro. Cabe ao professor desenvolver a percepção para saber lidar com cada situação.

Cada processo é diferente e demanda mais de um tipo de abordagem. Por vezes, a interferência do professor torna-se necessária para um maior direcionamento do trabalho; por vezes, as tentativas do aluno vão dando caminhos mais interessantes. (D.)

Durante a pesquisa, não foram encontrados livros teóricos que tratassem de adaptação teatral em ambiente escolar, embora alguns livros relatassem experiências em salas de aula, como *Iniciação à Docência em Teatro*, do projeto PIBID/UFRGS, organizado pela professora Vera Bertoni. O maior trunfo do professor para sobrepujar suas dificuldades é a experiência adquirida: a experiência em palco, para compreender ao máximo a peça, da sua ação principal a seus nuances, para atender as demandas da concepção; experiência em aula, para saber lidar com os alunos, perceber seus interesses e necessidades. Embora não tenham sido encontrados livros específicos sobre adaptação de texto na escola, o tema da adaptação de peças foi explorado por vários pesquisadores, teóricos e artistas. Como exemplo, temos João das Neves, *Análise de texto teatral*; e David Ball, *Para trás e para frente – Um guia de leituras de peças teatrais*.

Entretanto, me chamou atenção que nas respostas dos entrevistados há um grande foco na questão da compreensão e satisfação dos alunos. Isso pode ser preocupante, pois ao sentir necessidade de adaptar os textos para que os alunos entendam mais facilmente pode-se aderir à ideia que os alunos precisam que os conteúdos se adaptem a eles, e não ao contrário. Se o professor não tomar cuidados na hora de adaptar, ele corre o risco de trocar a grandeza da obra e a beleza das palavras por uma trama rasa e previsível, por receio de não atrair o interesse da turma. O medo de aversão por parte dos jovens é o grande fantasma dos professores atuais, independente da idade, que muitas vezes expurgam a ideia de trabalhar

grandes clássicos em aula. Aparentemente, para esses docentes atuais, a escola precisa saciar essa ânsia de interesse dos alunos, acostumados com o consumo imediato, nivelando o texto para os alunos, ao invés de elevar os alunos para que melhor apreciem a peça. Por que os alunos não podem trabalhar um texto em sua íntegra, sem que o professor o reduza ao cotidiano do aluno? Existem casos de docentes que trabalharam textos de Beckett sem fazer muitas adaptações, pois conseguem fazer com que o tema dialogue com os alunos, ao invés de pintar a peça para que se assemelhe ao seu cotidiano. O texto adaptado não deve ser considerado um produto final para o aluno consumir, mas sim um passo para que o aluno chegue ao texto original³.

Outra questão é a “didatização” do texto. Ao se trabalhar teatro com jovens, principalmente em escolas de ensino básico, corre-se o risco de cair na obrigação de ensinar uma lição através da encenação. Assim, encena-se *A Megera Domada* de Shakespeare como uma lição sobre o feminismo, ou *Macário* de Álvares de Azevedo para falar de drogas, ou o professor se vê na tendo que trabalhar um texto bíblico, apenas por pedido de seus superiores. O teatro em si já é um grande aprendizado, onde se trabalha com grandes obras literárias e se desenvolve a criatividade. É interessante trazer assuntos pertinentes, desde que a motivação parta da turma e não surja apenas para que se estufe a peça com ensinamentos, como que tentando mostrar aos pais dos alunos que as aulas de teatro não são perda de tempo.

A adaptação do texto teatral na escola é, para mim, um tema inquietante, e carece de mais estudos. Como dito anteriormente, a pesquisa de referências teóricas não revelou livros especificamente sobre o tema, e poucos sobre a adaptação de texto em geral. Parece-me que os professores dão pouca importância a este assunto, embora seja essencial em uma aula de teatro.

³ O termo “texto original” nesse caso é, de certa forma ,errôneo, pois os textos teatrais com os quais trabalhamos também são, em sua maioria, adaptações. Mesmo grupos profissionais que trabalham peças de Shakespeare muitas vezes não leem o texto original. Entenda-se, portanto, como “texto original” a versão adaptada mais fiel disponível.

Referenciais Teóricos

BALL, David. *Para Trás e Para Frente*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

CARREIRA, André Luiz Antunes Netto; BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho; NETO, Walter Lima Torres. *Da Cena Contemporânea*. Porto Alegre: ABRACE, 2012.

LAROSSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: nº 19, pág. 20-28, janeiro-abril de 2002.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean, *A Construção do Saber*. Belo Horizonte: Editora Artmed, 1999.

NEVES, João das. *Análise de Texto Teatral*. Rio de Janeiro: Editora Minc, 1998.

PALLOTTINI, Renata. *Construção do Personagem*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

PALLOTTINI, Renata. *Introdução à Dramaturgia*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

RYANGAERT, Jean-Pierre. *Jogar, representar*. São Paulo : Editora Martins Fontes, 1985.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. *Iniciação à docência em Teatro Ações, relações e reflexões*. Porto Alegre: Editora Oikos, 2012.

Anexo: Respostas dos Professores

Professora A

1 – Há quantos anos você leciona teatro?

R: Desde 1999 – 13 anos – isso?

2 – Qual sua formação?

R: Licenciatura em Educação Artística – Habilitação em Artes Cênicas. Mestrado em Educação, ambos na UFRGS.

3 – Qual a frequência que você trabalha com adaptação de textos teatrais?

R: No mínimo uma vez por ano, quando começamos a construir o trabalho de final de cada turma. Uso como um desencadeador de ideias, para que eles possam pensar em diferentes possibilidades, não só de temas mas, de proposta estética. Também tem alguns experimentos ao longo do ano conforme as necessidades e desejos de cada grupo de alunos.

4 – Quais as principais motivações para adaptar os textos?

R: Ih...muitas, vamos lá:

- oportunizar ao aluno o contato com a dramaturgia teatral,
- possibilitar o desenvolvimento da habilidade de compreensão textual e cênica, visto que os textos dramáticos precisam ser entendidos a partir dos diálogos traçados e das propostas de cena. A estrutura do texto dramático exige a compreensão de um acontecimento que não é narrado ou linear, etc.

- O texto dramático oferece uma estrutura em que os alunos podem brincar e jogar. Sabe aquela coisa de que a regra dá liberdade?

•Possibilita o reconhecimento e estudo de personagem, do conflito e de propostas diferenciadas de abordagens cênicas, que vão, muitas vezes, além das referências cotidianas do fazer teatral dos alunos. Por exemplo, estudar um texto de Moliere, possibilita compreender a estrutura dramática, o gênero, possibilidades de trabalho de aluno-ator que são diferentes se abordarmos um texto do Brecht.

5 – Quais os critérios que você usa para adaptar?

R: Primeiro a temática precisa vir ao encontro das vontades dos alunos, não me preocupo com número de personagens ou coisas assim, o que me interessa é o desencadeamento das ações, como cada conflito se desenvolve para o conflito principal acontecer. Dentro disso fazemos as adaptações necessárias. Outro critério é a forma, como os alunos querem contar a sua história, querem usar vídeo, querem usar dança, o que querem experimentar e dentro disso como o texto vai ao encontro dessa vontade...

6 – Geralmente, qual o processo de adaptar? Qual o método que você costuma usar?

R: Lemos diferentes textos, vemos vídeos de espetáculos e filmes. Após a escolha é feita uma leitura e tentamos mapear todas as situações, montando um grande roteiro de ações do espetáculo. Depois discutimos quais os acontecimentos que são imprescindíveis para a manutenção da estrutura dramática e que alterações podem ser feitas para aglutinar, incluir ou transformar determinadas situações e personagens. A idéia é discutir a estrutura, as ações dramáticas e tentar criar um novo roteiro mais objetivo que possibilite jogar e improvisar com novos textos, recriando a obra.

7 – Você pesquisa sobre o a peça e/ou o autor?

R: Sim, faço pesquisa e busco imagens de algumas montagens e filmes que remetam a proposta do texto. Busco oferecer aos alunos o maior número de informações e referências possíveis.

8 – Na sua opinião, quais são os fatores mais importantes a se considerar quando se adapta um texto teatral?

R: Bahhhhhh, difícil, acho que já respondi não? Acho fundamental compreender a estrutura dramática, o conjunto de ações e o gênero. Porque isso vai conduzir as ações junto ao grupo de alunos. Como encaminhar o trabalho de atuação, de construção cênica, etc...

9 – Qual você acha que é a sua melhor base para adaptação de textos? Sua formação, sua experiência, referências teóricas?

R: TUDO constrói o fazer do professor, mas se tivesse que fazer uma lista em ordem de importância arriscaria: 1. Experiência, 2. Formação, 3. Referencial. A experiência possibilita ver de fato o que funciona ou não diante do grupo de atores ou do público, a experiência te coloca diante dos problemas de cena e da busca das resoluções de forma prática e direta. A formação te possibilita qualificar tuas intervenções diante dos problemas. O referencial teórico tá dentro da formação – qualifica intervenção, amplia e aprofunda no plano do pensamento o que está sendo feito no plano das ações concretas e abre caminhos para possibilidades que vão além da ação prática.

10 – Quais as maiores dificuldades que você encontrou nas adaptações de textos?

R: A maior dificuldade é em relação ao novo texto que nasce de improvisações a partir da estrutura adaptada.

Após ler o texto original, analisar os principais acontecimentos, personagens e lugares e construir um roteiro definindo os conflitos necessários a cada cena e depois de escolher algumas possibilidades de construção cênica, começamos o processo de improvisação. O problema inicia no momento em que é preciso repetir e formalizar melhor cada momento. Quando da retomada dos melhores momentos muita coisa se perde. Textos improvisados que foram muito interessantes ou aqueles primordiais para a manutenção da lógica da ação dramática, para o entendimento do desencadeamento do conflito se perdem. Uma estratégia que tenho usado é um aluno anotar os textos durante as improvisações e outro anotar a sequência de ações que os atores estão usando. As vezes funciona bem, outras não.

Outra dificuldade é na construção do roteiro e nas resoluções de cena que requerem muito as **intervenção** do professor já que as referências teatrais dos alunos ainda são limitadas. Por vezes considero interessante indicar alguns caminhos de construção cênica para que os alunos possam se sentir seguros para suas experimentações. Algumas coisas nascem do jogo entre eles e outras de indicações do professor. Esse é um momento delicado em que o professor se transita entre as funções de professor e diretor de cena. Como encaminhar isso para que o aluno de fato se aproprie do material sugerido e também seja criador de seu processo? Como construir caminhos para que o aluno crie suas ações? Como construir espaços que o aluno imagine possibilidades de movimentação cênica além das referências cotidianas? Como brincar com tempo, espaço, ação, figura de cena dentro do tempo e espaço escolar?

Essa é minha trajetória e meus questionamentos dentro da sala de aula, ao que se refere ao uso do texto e construção de cena na escola!

Professora B

1 – Há quantos anos você leciona teatro?

R: 20 anos

2 – Qual sua formação?

R: Licenciatura em Artes Cênica- U. F. De Santa Maria (UFSM) e especialização em Pedagogia da Arte (Faculdade de Educação- UFRGS)

3 – Qual a frequência que você trabalha com adaptação de textos teatrais?

R: Semestralmente

4 – Quais as principais motivações para adaptar os textos?

R: O Texto precisa ser interessante, de qualidade e agradar aos alunos

Textos muito extensos

Textos muito pequenos

Poucos personagens em um texto interessante. Nesse caso colocamos em cena alguns algumas cenas que são sugeridas, ou que poderiam ter para que todos os alunos possam participar, trabalho com uma média de 12 alunos.

5 – Quais os critérios que você usa para adaptar?

R: Se o texto é muito extenso ou muito pequeno.

6 – Geralmente, qual o processo de adaptar?

R: Qual o método que você costuma usar?

Primeiro separar por cenas. Se a cena 1 for enorme, por exemplo, pegar a idéia principal e diminuir os diálogos; se for muito pequeno, criar mais situações, inventar outros personagens que tem a ver com a situação e poderiam estar presentes em cena. O método varia, as vezes primeiro improvisamos livremente e depois roteirizamos, em outros momentos criamos o roteiro e depois vamos improvisando, as coisas andam meio juntas...

7 – Você pesquisa sobre o a peça e/ou o autor?

R: Ambos. Depende do grupo de alunos, sobre o que queremos falar. Neste ano que comemoramos 100 de nascimento do Nelson Rodrigues, com uma turma partimos do autor e fomos procurar no livro “A vida como ela é”, uma crônica que tivesse muitos personagens. Na “Noiva de Morte” encontramos um bom nº de

personagens e criamos mais alguns, para que todos pudessem participar eram 10 ou 11 alunos.

8 – Na sua opinião, quais são os fatores mais importantes a se considerar quando se adapta um texto teatral?

R: Não fugir da idéia central proposta pelo autor.

9 – Qual você acha que é a sua melhor base para adaptação de textos? Sua formação, sua experiência, referências teóricas?

R: Ter uma formação é primordial, A experiência é importante, ajuda. Saber quem já fez e como fez, ter referências é importante no trabalho científico, quando vai se escrever sobre o assunto, como se faz roteiros. Os profissionais são constituídos de sua formação, suas experiências e seus referenciais teóricos, na verdade as três coisas são muito importantes acredito.

10 – Quais as maiores dificuldades que você encontrou nas adaptações de textos?

R: O texto que o grupo escolheu não tem personagens suficientes. Ao invés de escolher um texto diferente que abrangia as necessidades do elenco, o grupo resolveu continuar com o texto escolhido e acrescentar personagens. Para isso foram criadas cenas para incluir personagens que não apareciam, mas eram implícitas outras cenas. Foram feitas improvisações com os personagens novos, e escrito uma cena extra no texto para abranger os atores que não possuíam personagens anteriormente.

Professora C

1 – Há quantos anos você leciona teatro?

R: De 1985 a 1993 trabalhei como professora UNIDOCENTE, em escolas infantis ou com anos iniciais do Ensino Fundamental e sempre inseri atividades

teatrais semanalmente. Após formada no curso de atriz, em 1994, passei a ministrar aulas especializadas de teatro, no então denominado “currículo por área”, seguindo assim até o presente ano de 2012.

2 – Qual sua formação?

R: Magistério das séries iniciais do Ensino Fundamental (Instituto Estadual de Educação Gen. Flores da Cunha)

Professora de Pré-escola (Instituto Estadual de Educação Gen. Flores da Cunha)

Bacharel em Artes Cênicas – habilitação em Interpretação Teatral (IA/UFRGS)

Licenciada em Educação Artística – habilitação plena em Artes Cênicas (IA/UFRGS)

Especialista em Ensino Médio Profissionalizante na modalidade de Educação de Jovens e Adultos/PROEJA (Faced/UFRGS)

Mestra em Artes Cênicas (IA/UFRGS)

3 – Qual a frequência que você trabalha com adaptação de textos teatrais?

R: De 1 a 2 vezes ao ano.

4 – Quais as principais motivações para adaptar os textos?

R: A principal é, sem dúvida, dividir as falas de modo a contemplar todos os alunos de forma mais equânime. Outras seriam reduzir o volume de material para decorar ou ainda, censurar diálogos “picantes” para o contexto escolar.

5 – Quais os critérios que você usa para adaptar?

R: Manutenção da estrutura da trama, adaptando-a às necessidades do grupo.

6 – Geralmente, qual o processo de adaptar? Qual o método que você costuma usar?

R: Leitura geral, individual, do texto, identificando os principais acontecimentos. Leitura dramática no grupo e proposição que algum de seus integrantes assuma a função de escrever as modificações que o grupo julgue necessário. Por fim, retomo os escritos dos estudantes e readapto o que for necessário, após a segunda leitura.

7 – Você pesquisa sobre o a peça e/ou o autor?

R: Sim.

8 – Na sua opinião, quais são os fatores mais importantes a se considerar quando se adapta um texto teatral?

R: A manutenção do sentido principal da trama, sem que com isso se perca a força da encenação. Acredito que ao optar por um texto, o grupo vê um sentido para o uso do mesmo e a adaptação não pode desconsiderar isto. Identificar o que torna aquele texto precioso, parece fundamental para qualquer adaptação.

9 – Qual você acha que é a sua melhor base para adaptação de textos? Sua formação, sua experiência, referências teóricas?

R: Atualmente, a experiência pois congrega a formação e as referências teóricas ao colocá-las em prática.

10 – Quais as maiores dificuldades que você encontrou nas adaptações de textos?

R: Penso em várias dificuldades, associadas justamente ao fato dos estudantes encontrarem-se em um processo inicial de construção de aprendizagens em Teatro. A dificuldade em adaptar textos para uso na escola é conciliar os desejos dos estudantes com as demandas do próprio texto e as peculiaridades das convenções teatrais. Como estão mais familiarizados com o texto literário ou com a fruição do produto artístico já finalizado, o texto dramático com suas convenções mais tradicionais – rubricas, diálogos, indicação do personagem que fala – causa estranhamentos.

Além disso, a faixa etária dos estudantes precisa ser levada em consideração e o que manifestam como interesse no que se refere a temáticas, nem sempre é possível. Cenas mais erotizadas ou cenas mais violentas, por exemplo, despertam o interesse pela trama, mas não podem ser encenadas, como costuma ser o desejo dos estudantes que querem "seguir" um texto de forma fiel.

Outra constatação que evidencio na experiência docente é que a familiaridade com o cinema, com a TV, e também com a cultura digital, promove nos estudantes questionamentos quanto a ausência de indicações mais detalhadas sobre marcação cênica, caracterização de personagem ou indicações cenográficas, quase como se esperassem do texto teatral o mesmo que se busca em um roteiro de cinema.

Professor D

1 – Há quantos anos você leciona teatro?

R: Desde 2006, quando fui bolsista do curso de extensão universitária Introdução à interpretação teatral: Corpo, Voz, Ação, onde trabalhei como professor assistente até 2008. Em 2009, comecei a dar aulas de interpretação na Escola de Atores TV e Cinema. Ministrei 2 semestres de aulas de teatro no curso de extensão universitária Português Para Estrangeiros. Atualmente, sou professor da rede estadual de ensino recém-nomeado no Instituto Educacional Dom Diogo de Souza.

2 – Qual sua formação?

R: Bacharel e Licenciado em Teatro pela UFRGS.

3 – Qual a frequência que você trabalha com adaptação de textos teatrais?

R: O texto sempre está presente no meu desenvolvimento de um processo de aprendizagem em teatro.

4 – Quais as principais motivações para adaptar os textos?

R: Trazer a história a ser contada mais próxima da realidade do aluno.

5 – Quais os critérios que você usa para adaptar?

R: Atualização da linguagem e da história, trazendo-a para um contexto mais atual.

6 – Geralmente, qual o processo de adaptar? Qual o método que você costuma usar?

R: Dramaturgização. A partir do que os alunos entenderam e absorveram do texto, eles improvisam as cenas e vão naturalmente fixando as marcas e o texto.

7 – Você pesquisa sobre o a peça e/ou o autor?

R: É fundamental uma pesquisa prévia sobre o autor e a obra para entender o contexto e o que o autor quer dizer com o texto.

8 – Na sua opinião, quais são os fatores mais importantes a se considerar quando se adapta um texto teatral?

R: Se a mensagem principal que o autor quis passar com o texto original está preservada.

9 – Qual você acha que é sua melhor base para adaptação de textos? Sua formação, sua experiência, referências teóricas?

R: Não há uma regra fixa. Cada processo é diferente e demanda mais de um tipo de abordagem. Por vezes, a interferência do professor torna-se necessária para um maior direcionamento do trabalho; por vezes, as tentativas do aluno vão te dando caminhos mais interessantes.

10 – Quais as maiores dificuldades que você encontrou nas adaptações de textos?

R: O entendimento do aluno sobre os textos, principalmente os que possuem uma linguagem rebuscada e arcaica (Ex.: Shakespeare, Molière, etc).

Professor E

1 – Há quantos anos você leciona teatro?

R: Leciono/trabalho com teatro há mais de dez anos.

2 – Qual sua formação?

R: Formando em Teatro – Habilitação Direção Teatral pela UFRGS.

3 – Qual a frequência que você trabalha com adaptação de textos teatrais?

R: Geralmente uma vez por ano.

4 – Quais as principais motivações para adaptar os textos?

R: A motivação, num primeiro momento, vem muito mais do grupo de alunos. É um processo de observação, por parte do professor. De entendimento do universo que cerca o aluno, desse universo que permeia a comunidade em que ele está inserido. É da observação de seus interesses que surgem as sugestões dadas no processo de trabalho. O aluno tem que se sentir envolvido, representado. Só a partir desse instante começa o processo de desenvolvimento do trabalho junto às obras representativas de cada conceito.

5 – Quais os critérios que você usa para adaptar?

R: A adaptação se dá a partir de um processo de estudo do texto junto aos alunos, do seu entendimento a cerca da obra. Ao possibilitar aos alunos a compreensão das diversas possibilidades de entendimento textual, os critérios determinantes permeiam aspectos referentes a objetividade, clareza e simplificação.

6 – Geralmente, qual o processo de adaptar? Qual o método que você costuma usar?

R: Adaptar está imensamente ligado com entender, compreender aquilo que está escrito. Todo o processo deve partir dos alunos. Nunca chego com a coisa pronta. Apresento a obra. O livro. Daí vem a leitura, o estudo, os aspectos que possibilitam a criação de cenas, como a improvisação, a representação das imagens a

partir dos verbos do texto até chegar-se na divisão de cenas e criação do roteiro dramático.

7 – Você pesquisa sobre o a peça e/ou o autor?

R: Sim, a pesquisa por parte do professor/diretor é determinante. Não basta somente o entendimento textual da obra, mas perceber todo o processo que cercou a criação literária, a partir dos aspectos contextuais relacionados ao autor.

8 – Na sua opinião, quais são os fatores mais importantes a se considerar quando se adapta um texto teatral?

R: Clareza na adaptação, objetividade no trabalho de criação cênica, compromisso com o universo criado pelo autor, possibilidade de criação livre por parte dos atores a partir de seu entendimento da obra.

9 – Qual você acha que é sua melhor base para adaptação de textos? Sua formação, sua experiência, referências teóricas?

R: Acredito que há uma ligação entre elas. Uma não funciona sem a outra. Uma boa formação só é objetivada através da vivência no palco, dessa experiência da realização do fazer teatral. Manifesta-se a partir da troca mútua entre alunos e professor, da leitura constante. A percepção dessa importância de exercer com plenitude o seu ofício advém dessa compreensão em perceber a necessidade do aluno e daí, exercitar e dinamizar o trabalho, sempre buscando motivos para despertar o interesse no processo de trabalho.

10 – Quais as maiores dificuldades que você encontrou nas adaptações de textos?

R: A maior dificuldade com certeza está associada ao encontro de textos que possam se comunicar diretamente com o aluno. Não é basicamente a adaptação em si. É o como promover, a partir de um universo literário com uma gama intensa de relações, esse encontro entre aluno e texto, despertando e motivando essa relação entre o universo vivido pelo aluno e suas relações com a literatura.